

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS,  
JORNALISMO E SERVIÇO SOCIAL  
CURSO DE JORNALISMO

Bárbara Néspola Monteiro Roberta

Gabriela Nunes Ribeiro

**Andrews Kossi: o narrador de um tempo e história**

Mariana - MG

2016

Bárbara Néspola Monteiro  
Roberta Gabriela Nunes Ribeiro

Curso de Jornalismo - UFOP

ANDREWS KOSSI:  
O NARRADOR DE UM TEMPO E HISTÓRIA

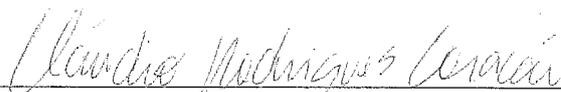
Trabalho apresentado ao Curso de Jornalismo do Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas (ICSA) da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, sob orientação da Profa. Dra. Hila Rodrigues.

Banca Examinadora:



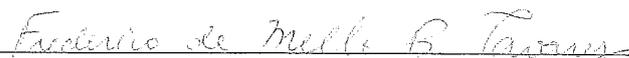
---

Profa. Dra. Hila Rodrigues



---

Prof. Dr. Cláudio Rodrigues Coração



---

Prof. Dr. Frederico de Mello Brandão Tavares

Mariana, 04 de fevereiro de 2016.

M775a Monteiro, Bárbara Néspola.

Andrews Kossi : o narrador de um tempo e história [manuscrito] /  
Bárbara Néspola Monteiro e Roberta Gabriela Nunes Ribeiro. – Mariana,  
MG, 2015.

25 f. : il., mapa.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal  
de Ouro Preto, Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Departamento de  
Ciências Sociais, Jornalismo e Serviço Social – DECSO/ICSA/UFOP.

Orientador: Prof. Hila Rodrigues.

1. Refugiados . 2. República Democrática do Congo – História. 3.  
Xenofobia. I. Ribeiro, Roberta Gabriela Nunes. II. Rodrigues, Hila,  
[Orientador]. III. Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de  
Ciências Sociais Aplicadas. IV. Título.

CDU 94(469)(091)



## ATA DE DEFESA – PROJETO EXPERIMENTAL

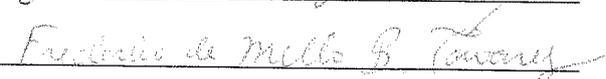
**Estudantes:** Bárbara Néspola Monteiro  
Roberta Gabriela Nunes Ribeiro

Aos 04 dias do mês de fevereiro de 2016, às 10:30h, sala 07, no Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, reuniu-se a banca examinadora do Projeto Experimental do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto intitulado “Andrews Kossi: o narrador de um tempo e história”, composta pela Profa. Dra. Hila Rodrigues (Orientadora), Prof. Dr. Cláudio Rodrigues Coração (UFOP) e o Prof. Dr. Frederico de Mello Brandão Tavares (UFOP). Procedeu-se à arguição, após a qual os membros da banca examinadora reuniram-se para deliberar decidindo pela aprovação do trabalho, que é exigência parcial para obtenção do grau de bacharel em Jornalismo. Para constar, a presente ata datada e assinada pelos examinadores com o seguinte parecer final: a banca

examinadora analisou os méritos do trabalho e participou  
no processo de construção da reportagem e no  
resultado final do livro recomendou a leitura do produto  
e um momento oportuno de defesa. A  
ata final assinada é de 20.

Mariana, 04 de fevereiro de 2016.

Banca examinadora:

  
\_\_\_\_\_  
Cláudio Rodrigues Coração  
  
\_\_\_\_\_  
Frederico de Mello B. Tavares

## **RESUMO**

O livro trata da vida de Andrews Kossi, um refugiado congolês que tenta reconstruir sua vida no Brasil. Buscamos direcionar o leitor ao percurso percorrido por Andrews, que saiu de sua aldeia na África, foi escravizado em Serra Leoa, fugiu e chegou ao Brasil depois de 65 dias de viagem escondido dentro do compartimento de um navio portuário. No decorrer da narrativa, apresentamos dados e informações de forma clara e objetiva sobre temas contidos em seus relatos, como os conflitos que o fizeram sair de seu país, as disputas políticas, a escravidão, as consequências das guerras, os preconceitos, a xenofobia e as questões do refúgio. Sabe-se também que a mídia aborda os conflitos congolêses de forma superficial e factual, por isso este livro-reportagem é a tentativa de darmos voz àquele que está por trás dos números, buscando aproximar dos brasileiros os conflitos que ocorrem ainda hoje, mas que por vezes opta-se por não os enxergar.

## **ABSTRACT**

The book portrays the life of Andrews Kossi a Congolese refugee who tries to rebuild his life in Brazil. We seek to direct the reader to the path traveled by Andrews, who left his village in Africa, was enslaved in Sierra Leone, escaped and arrived in Brazil after 65 days of traveling hidden inside a port ship bay. In the course of the narrative, we present data and information in a clear and objective way on issues contained in their reports, as the conflicts that did leave their country, political disputes, slavery, the impact of war, prejudice, xenophobia and the refuge. It is also known that the media covers the Congolese conflicts surface and factual manner, so this book-report is an attempt to give voice to that which is behind the numbers, trying to approach the Brazilian conflicts that occur today, but sometimes opts for not seeing them.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	4
2. A PARTIR DELE, TANTOS OUTROS .....	5
3. BREVE CONTEXTO .....	7
4. PLANO DE TRABALHO.....	9
5. HISTÓRIA ORAL E ENTREVISTAS: PALAVRAS, GESTOS E SILÊNCIOS .....	11
6. HISTÓRIA ORAL: CONSTRUINDO IDENTIDADES A PARTIR DA MEMÓRIA .....	13
7. RESTITUIÇÃO: A REPRESENTAÇÃO DO OUTRO.....	17
8. PROJETO GRÁFICO.....	18
9. ANÁLISE DOS RESULTADOS .....	200
10. REFERÊNCIAS.....	22

## 1. INTRODUÇÃO

Até final de 2014, cerca de 59,5 milhões de pessoas tiveram que deixar seus locais de origem por guerra ou perseguição, segundo dados divulgado pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (Acnur). Essas pessoas vivenciaram situações decorrente desses conflitos, como a escravidão, exploração sexual, genocídio, fome, tráfico de drogas, violência, contrabando, ação dos mercenários e rebeldes. Diante deste quadro atual é pertinente dizer que o mesmo mundo que se considera globalizado com prevalência eurocêntrica, americanizada e capitalista, se mostra muitas vezes indiferente diante da problemática social de alguns países, aparentando não afetar diretamente a realidade da população que não vivencia essas situações.

Somente em 2014, o Brasil recebeu 25.996 pedidos de refúgio, contra 1.165 em 2010. Entre os países da América Latina, foi o que mais recebeu solicitações, de acordo com dados fornecidos pela ACNUR. Até maio de 2015, eram 7.700 refugiados reconhecidos de 81 diferentes nacionalidades. Eles são principalmente de países como Síria, Colômbia, Angola e República Democrática do Congo (RDC), segundo apontam os relatórios.

Como os números demonstram, esta é uma problemática atual. Por isso, o intuito deste trabalho é provocar uma reflexão em torno dos conflitos sociais e políticos vivenciados por milhões de pessoas a partir de uma história particular – uma história que começa no Congo e termina no Brasil. Para isso, escolhemos o livro-reportagem como instrumento. Por meio dele, vamos ampliar a discussão sobre o universo e as adversidades que atravessam a vida dos refugiados – e que, nos meios de comunicação, muitas vezes emergem breves e rasas.

Percorremos um caminho árduo. Não é fácil retratar uma problemática por meio de um personagem. Há sempre muitas dúvidas e incertezas sobre a veracidade das situações relatadas pelo entrevistado. E vivenciamos o explícito preconceito existente contra este mesmo personagem, um refugiado negro que sempre enfrentou o risco de morte em sua terra de origem, mas que, por outro lado, também precisa lutar para ser reconhecido como cidadão no território

em que vive hoje: o Brasil. Em alguns momentos, testemunhamos o sofrimento do personagem, tantas vezes atingido pelo medo e pela incerteza diante de questões variadas, algumas relativas ao seu povo, outras à possibilidade ou não de um recomeço. A esperança.

Iniciamos esse trabalho nos perguntando por que conflitos como os do Congo parecem invisíveis para algumas sociedades e governos. O caso do atentado ao jornal britânico *Carlos Hebdô*, no dia 7 de janeiro de 2015, revelou aspectos importantes sobre a sensibilidade das pessoas. No caso francês, 12 pessoas foram mortas e houve manifestações em busca de respostas que buscavam entender o que havia acontecido. Enquanto isso, na mesma semana, a Nigéria sofria outro atentado. No jornal *The Guardian*, a reportagem intitulada “Why did the world ignore Boko Haram’s Baga attacks?” é apenas um dos conteúdos que questionam a insensibilidade das autoridades públicas e da própria imprensa para com os africanos e a hipersensibilidade com os franceses. Quando se elege um atentado maior que o outro, anuncia-se também que as 12 pessoas francesas são mais importantes para a sociedade e o mundo do que as estimadas 2 mil nigerianas.

Essa situação não é diferente da que se vive no Congo. Nesse livro-reportagem, trilhamos um caminho que, esperamos, leve o leitor a discutir e refletir sobre os conflitos políticos em lugares como o Congo. O tema será abordado partir dos relatos do refugiado *Andrews Kossi*, que deixou o Congo no final de dezembro de 2010 e chegou ao Brasil entre fevereiro e março de 2011, escondido em um navio. Diante dos impasses e dificuldades vivenciados por ele, partiremos do estado micro para tentar abordar o macro.

## **2. A PARTIR DELE, TANTOS OUTROS**

Para isso, faz-se necessário descrever brevemente os principais pontos relatados pelo jovem, de maneira a construir e apresentar sua trajetória. Baseamos o livro-reportagem nos relatos do congolês que se apresenta como *Andrews Kossi*, 26 anos. Ele conta que foi

escravizado em Serra Leoa e que fugiu para o Brasil em busca de uma nova vida. Conta que pertence à aldeia *Glyoumu-digianze*, de etnia zulu, então constituída por 17 famílias, cada uma com cerca de 30 a 45 membros. Na tribo, o jovem teria sido rastreador, alguém encarregado do reconhecimento do território e da proteção dos seus, além de atuar na caça de animais e pessoas inimigas.

A região, localizada entre Dzanga Shanga e Nouabalé, norte do Congo, é descrita pelo personagem como um local frequentemente invadido por milícias e mercenários. O congolês relata que, aos 11 anos, foi levado como escravo de guerra por um árabe, em uma dessas invasões. Calcula que ficou nessa situação até os 15 anos. Durante o conflito, foi baleado duas vezes, o que deixou cicatrizes no corpo, reveladas durante a entrevista. Afirma que, ainda em recuperação, trabalhou em uma mina de metais preciosos, em Serra Leoa, para extrair riquezas como diamantes, ouro, rubis, esmeraldas, entre outros minerais preciosos. Segundo o africano, eram cerca de 400 pessoas trabalhando a serviço de um árabe.

Após três anos de servidão, houve uma tentativa de fuga em que muitos saíram mortos e feridos. Depois de percorrer longos caminhos como fugitivo da rebelião, Andrews teria sido encontrado pelos mercenários e levou um tiro na cabeça. Foi se recuperar com a ajuda de um senhor, no país do Gabão. Os choques culturais começaram a incomodá-lo e a mostrar que havia muito mais coisas a conhecer no mundo, além de sua tribo.

Depois de recuperado, voltou para sua aldeia, mas, com medo do que poderia lhe acontecer ali, decidiu ir embora, buscando viver algo que nem ele sabia ao certo o que era, exatamente. Percorreu a Costa do Marfim até Libreville (capital do Gabão) e seguiu sempre pelas fronteiras, pois não sabia o que poderia acontecer caso entrasse nas cidades. Passou pela Namíbia (um país da África Austral, limitado a norte por Angola e Zâmbia) e foi parar em Cambombo, Angola, onde conseguiu entrar clandestinamente em um navio. Fez um trajeto de, segundo ele, 65 dias. Estava escondido no compartimento de âncora desse navio, que o trouxe para o porto de Santos, no interior de São Paulo. Andrews não sabia onde a embarcação iria atracar e qual seria seu destino depois disso.

Como herança de sua terra, o jovem africano já falava inglês, francês e sua língua tribal. Após três anos no Brasil, aprendeu o português com fluência e alguns ofícios como o de cabelereiro, massagista, recepcionista e garçom. Passou por várias cidades de São Paulo, Minas Gerais e da região do Nordeste. Andrews foi a São Paulo com o objetivo de encontrar o Centro de Acolhida aos Refugiados (Caritas). Ao chegar foi encaminhado para fazer a solicitação do pedido de refúgio. Para ter um acompanhamento do seu processo, recebeu um número de

protocolo no primeiro semestre de 2011 e aguardava a resposta enquanto era acolhido no abrigo Missão Paz, no centro de São Paulo.

Assim como Andrews, muitos outros passaram por situações semelhantes. Assim, Andrews é um – mas é também muitos. Muitos dos que tentam se salvar, indo para lugares desconhecidos. Ele é muitos dos que entraram clandestinamente em navios. Muitos dos que enfrentaram conflitos de perto e buscam reconstruir-se. Esse livro é uma tentativa de espiar pela fechadura, observando, através da história dele, a história de muitos outros “Andrews”. Em 2013, por exemplo, a jovem Ornela Mbenga Sebo virou notícia depois de contar sua história. Em 2011, quando tinha apenas 21 anos, foi vítima de um grupo da região, fugiu de um acampamento onde era escravizada e adentrou-se em um navio, em um porto africano.

Para entender melhor as histórias – que parecem inacreditáveis, talvez em função das peripécias que marcam a luta dessas pessoas pela sobrevivência –, conversamos também com a coordenadora da Caritas São Paulo, Cristina Morelli. Ela nos informou que histórias de fugas em navios são muito comuns. Já recebeu casos de pessoas que alegaram ter ficado de 2 a 90 dias escondidas em algum compartimento. Sobre a veracidade das informações, ela informou que o papel da instituição não é julgar ou duvidar das informações de quem chega para ser atendido. O trabalho, ali, consiste somente na tentativa de investigar, apoiar e buscar comprovar a história, de forma a dar legitimidade no processo. Isso é feito por meio de busca de documentos e cruzamento de informações, entre outras estratégias.

### **3. BREVE CONTEXTO**



Figura 1 - Fonte: Google Maps: <https://www.google.com.br/maps/@3.5139819,-8.7225405,3.25z>

O país do Congo, atual República Democrática do Congo, é o segundo maior país da África subsaariana, que perde em extensão apenas para o Sudão. Atualmente, tem mais de 66 milhões de habitantes e é rico em muitos recursos naturais como o ouro, urânio, cobre, petróleo e água. Os que mais movimentam a economia atual são os diamantes, que representam 80% da reserva mundial, e os 49% de cobalto que estão no país. Com isso, é perceptível a relevância da RDC para o mundo, mas apesar dessas riquezas, a pobreza, fome e as mortes crescem exponencialmente, pois os recursos alimentam, além da economia, as guerras e conflitos que existem ainda hoje (CASTELLANO DA SILVA, 2011). Para entender melhor, apresentamos uma síntese de alguns dos atuais problemas vivenciados no Congo.

De acordo com o site da *Central Intelligence Agency* (CIA), 75% da população do Congo vivem com um dólar por dia. Em 2013, o PIB per capita foi de 4.800 dólares. O país está no posto 163, em comparação com os demais países. O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), em 2013, foi de 0.338 (numa escala em que quanto mais próximo de zero, pior). Com esse IDH, o Congo aparece na posição 177 no ranking mundial. A expectativa de vida é de 58,52 anos e a taxa de mortalidade é de 15,69%.

Os conflitos estão relacionados à atual condição da população no país. De acordo com a ACNUR, em 2012, foram 2,8 milhões de refugiados originados. A segunda guerra do Congo, por exemplo, compreende os anos de 1998 até 2003. Uma das batalhas mais sangrentas do mundo, depois da segunda guerra mundial, segundo reportagem do Estadão publicada em 29 de outubro de 2008. Ainda segundo o jornal, a origem do confronto se deu na Província Kivu do Norte, em 1996, quando teve início uma guerra de cinco anos que deixou 4 milhões de mortos e 3,4 milhões de refugiados. A publicação apresenta as rivalidades étnicas e a briga pelos recursos naturais como principais razões do conflito. A guerra terminou oficialmente em 2003, quando o governo de transição da República Democrática do Congo tomou o poder, mas as marcas da guerra continuam, a despeito da demarcação do poder político.

Uma publicação do jornal Folha de S. Paulo Online, em 2015, informa outros dados importantes sobre os estragos provocados pelas guerras, a partir da pesquisa publicada pelo Comitê Internacional de Resgate (CIR). Em 2008, segundo o jornal, 45 mil pessoas ainda morriam por mês no Congo. As principais causas de morte no país decorrem de malária, diarreia, pneumonia e desnutrição, todas agravadas durante os conflitos. A partir do contexto de guerras civis e étnicas, e de suas consequências – caso das constantes invasões que transformavam as mulheres em escravas sexuais e os homens em escravos de guerra –, é possível compreender a história do país de origem de Andrews e, desta forma, o lugar e o tempo do jovem africano.

A África é o segundo continente mais populoso do planeta, abrigando mais de um bilhão de habitantes e é o terceiro mais extenso. Dessas vastas terras é extraída metade da produção mundial de diamantes, metade do crômio e três quartos de platina. Outros metais preciosos, como o ouro, cobre, prata, zinco, manganês, urânio e coltan, também estão na África.

#### **4. PLANO DE TRABALHO E PAUTA ESTENDIDA**

Para a produção desse livro, recorreu-se, inicialmente, à Cremilda Medina (1986) e Nilson Lage (2003), que dão pistas importantes para a realização de uma boa entrevista. Foram utilizados também alguns trabalhos de autores como Lúcia de Almeida Neves Delgado (2000; 2003; 2006), que propõe reflexões acerca das memórias e identidades dentro da *história oral*, e também de Edvaldo Pereira Lima (2009), que discute o livro-reportagem como suporte. Já as abordagens que tratam da restituição e da história originam-se especialmente do trabalho de Alessandro Portelli (1996). A autora Claudia Lago (2014) nos acrescentou, com seu olhar para o outro, uma reflexão em torno da antropologia em articulação com o jornalismo. Com esse referencial teórico, a ideia era trabalhar a entrevista e a reportagem a partir das memórias de uma testemunha ocular, de um protagonista. Nesse processo, Andrews, segundo a classificação de Lima (2009), representa, “por suas características e circunstâncias de vida, um determinado grupo social, passando como que a personificar a realidade do grupo em questão” (p.52).

Buscou-se, também, estudos que permitissem um mergulho mais profundo nesse gênero – o do livro-reportagem. A literatura indica que ele emergiu no âmbito da imprensa dos Estados Unidos que, no século XX, vivenciava uma série de mudanças na forma de transmitir informações. Para divulgar um evento de grande importância histórica como a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), fez-se necessário repassar mais que dados e informações isoladas. As notícias teriam que ser inseridas dentro de um contexto que pudesse dar ao leitor uma ideia de continuidade e, desta forma, dar sentido do que estava acontecendo. Assim, experimentou-se um processo de profissionalização da imprensa, que buscava mais profundidade nos assuntos abordados. A partir daí, o gênero conhecido por *reportagem* proliferou-se (MORAIS, 2004).

No Brasil da década de 1920, antes do reconhecimento da reportagem como gênero jornalístico, já havia um tipo de produção que perpassava os campos do jornalismo e a literatura. Em 1897, Euclides da Cunha, como repórter do Estado de São Paulo, retratava a Guerra de Canudos em suas crônicas. A modalidade de sua escrita já poderia ser considerada própria de um livro-reportagem. Isso porque, segundo Bruno Ravanelli Pessa (2009), o gênero deve sua existência à reportagem, unidade que o formata conforme é desenvolvida plenamente. Nesse sentido, como observam Paula Melani Rocha e Cíntia Xavier (2013), o livro-reportagem emerge como um lugar de invenção e reinvenção de técnicas, procedimentos e modelos, representando, assim, a inovação de meios e suportes para se contar uma história. Essa inovação está, especialmente, nas possibilidades de ultrapassar a ideia de factualidade que ainda orienta grande parcela dos conteúdos veiculados pela mídia (por vezes tão marcados pela brevidade ou superficialidade no tratamento das questões colocadas).

Desse ponto de vista, os livros-reportagem, como observa Lima (1995), proporcionariam abordagens mais amplas, detalhadas, capazes de despertar maior envolvimento do leitor com as histórias contadas. Para Lima, essa é uma das principais virtudes do gênero: preencher as lacunas deixadas habitualmente pela cobertura jornalística. Sob esse aspecto, o papel do livro-reportagem seria dar profundidade aos temas abordados, de modo a oferecer ao leitor “um quadro da contemporaneidade capaz de situá-lo diante de suas múltiplas realidades, de lhe mostrar o sentido, o significado do mundo contemporâneo”. (LIMA, 2004).

Ao buscarmos referencial teórico sobre a história da África e dos conflitos congolenses, as características das tribos que vivem no país, percebemos a falta de bibliografia sobre essas questões. Para compreendermos melhor, recorremos a artigos de historiadores, sociólogos, geógrafos e dados oficiais da ONU e Acnur. Entre eles, o cientista político Igor Castellano da Silva (2012) e o congolês e professor da Universidade de São Paulo, Kabengele Mulanga (2011).

## **5. HISTÓRIA ORAL E ENTREVISTAS: PALAVRAS, GESTOS E SILÊNCIOS**

Para a produção desse livro-reportagem, adotamos procedimentos específicos. O livro foi estruturado em três grandes blocos de entrevistas, a partir dos quais se constroem os capítulos. A primeira entrevista revela o universo da África, que dá contornos à identidade cultural do personagem, ou seja, do contexto vivido por ele. A segunda tratou dos conflitos vivenciados por Andrews, evidenciando tanto os motivos que o fizeram deixar a região (caso da Guerra Civil, das diferenças étnicas e das razões de cunho político e econômico) quanto os problemas ainda vivenciados no Brasil (caso dos episódios de estranhamento e choques culturais). O terceiro e último capítulo aborda a chegada e a trajetória no Brasil: o que foi aprendido e apreendido (os ofícios, as funções, as maneiras de se relacionar com o outro), o que foi experimentado (os encantamentos, as dificuldades, o refúgio) e os percursos trilhados.

Nesse processo, as entrevistas foram adotadas como principal método qualitativo para a coleta de dados e, também, para a compreensão dos diferentes contextos relatados pelo personagem. Na concepção de Cremilda Medina (1986), a entrevista “é uma técnica de interação social, de interpretação informativa”, quando é possível quebrar isolamentos e pluralizar vozes, favorecendo uma “distribuição democrática da informação” (MEDINA, 1986, p. 12). Assim, em um primeiro momento – devido à distância geográfica do entrevistado –, optou-se pelo emprego da técnica de entrevista semi-estruturada, com perguntas produzidas previamente, que

pudessem ser feitas e respondidas por telefone. Esse procedimento foi adotado com o objetivo de obter dados referentes a assuntos abordados pelo entrevistado que seriam utilizados futuramente como base para as entrevistas realizadas pessoalmente.

Paralelamente, trabalhou-se em uma pesquisa documental sobre os temas que inspiravam a fala do entrevistado. Autores como Verena Alberti afirmam que a pesquisa permite ao entrevistador a possibilidade de situar melhor – e com mais clareza – a atuação do entrevistado dentro do contexto relatado. Nesse sentido, a técnica também permite ao entrevistador uma preparação mais consistente para obter bons depoimentos, formular “perguntas enriquecedoras para o diálogo” e reconhecer “respostas significativas” (ALBERTI,1990, p.45).

Cuidados técnicos também foram tomados, obedecendo às orientações obtidas por meio de variadas leituras. As autoras Paula Melani Rocha e Cíntia Xavier (2009), por exemplo, afirmam que o jornalista precisa estar atento a tudo, pois gestos, atos, movimentos, cenas e ambientes também informam. Na verdade, mesmo a ausência pode ser uma informação. Durante as entrevistas, buscou-se observar, assim, todos esses elementos. Também foram levados em consideração os ensinamentos de Cremilda Medina sobre os limites técnicos da entrevista. Para Medina (1986), esses limites são passados quando há uma relação de confiança entre repórter e entrevistado. Pode-se citar, como exemplo neste trabalho, o momento em que o personagem nos confidenciou a experiência como escravo de guerra. Andrews nos revelou detalhes desse período, como quando se recordou do tratamento que recebia na época sendo comparado a um animal, até mesmo na fala sobre o local onde dormia referenciado por ele como “jaula”.

Os diálogos estruturados e desenvolvidos também inspiram-se em técnicas que atravessam os campos da *história de vida* e, portanto, da *história oral*. Segundo Haike. R. K. Silva (2002), autor citado na obra de Lucília Delgado, “a *história oral* é uma metodologia de quadro amplo, na qual se recolhem relatos de experiência de um indivíduo ou grupo. A *história de vida* estaria inserida dentro desse quadro como uma variante da metodologia voltada à existência daquele que narra” (SILVA, 2002, p.31). Nessa perspectiva, portanto, a aplicação das técnicas voltadas para a *história de vida* permite, por exemplo, uma compreensão ampliada do contexto onde se insere aquele que relata uma experiência, bem como dos papéis, dos significados e discursos assumidos nessa experiência. É como destaca Abastado (1983):

Os relatos de vida fascinam e chamam atenção. Para compreender a realidade da sociedade que eles representam, para entender seu advento e sua

consagração, é preciso ir além dele próprio, constituir a prática em objeto semiótico, analisar suas funções sociais, suas significações e suas formas discursivas. Tríplice questionamento: pragmático, semântico e sintático. (...) Eles são mais que simples vetores de informações, eles engajam instâncias pessoais, interlocutores (reais e imaginários). Seu sentido deriva tanto de seu conteúdo, quanto dos modelos onde eles se inspiram, da retórica que os alimenta e dos discursos que os acompanham. (ABASTADO, 1983, p. 6 apud, Delgado, 2003)

As entrevistas realizadas pessoalmente foram construídas a partir da fase anterior, isto é, das informações obtidas durante os primeiros diálogos, feitos por telefone. Na prática, as primeiras entrevistas revelaram-se como uma espécie de preparação para as entrevistas presenciais. Essas últimas possibilitam maior interação entre entrevistado e entrevistador, já que permitem certa flexibilidade, abrindo caminho para eventuais mudanças de perguntas, enfoques e proximidade – o que confere também mais confiança entre as partes. Para Delgado (2006), há também a possibilidade de acesso a documentos, fotos e todo tipo de registro que o pesquisador considerar adequado. Muitas vezes, o próprio entrevistado cede esses materiais ao entrevistador.

Tendo feito essas considerações, parece relevante, agora, passar-se ao detalhamento do processo de abordagem ao entrevistado. O primeiro contato telefônico foi feito em 6 de julho de 2014. O diálogo foi iniciado a partir de uma explicação, ao entrevistado, de como as histórias a serem relatadas constituiriam o elemento central de um trabalho de conclusão do curso (TCC) de jornalismo a Universidade Federal de Ouro Preto. Nesse momento, foi destacada a necessidade de um trabalho conjunto e colaborativo. Também foi ressaltada a questão dos prazos a serem cumpridos pelas estudantes. Houve uma preocupação especial em não criar grandes expectativas em relação ao livro-reportagem ou à repercussão da história contada. De acordo com Lúcia de Almeida Neves Delgado (2006), “há que se ter todo cuidado para não criar falsas expectativas nos depoentes”.

Também nos atentamos e fomos claras ao discutir com o entrevistado sua exposição por meio de diferentes meios como fotografias, desenhos ou da própria história revelada. Andrews concordou com as condições, dispondo-se a contar a própria experiência. Para isso, pediu para não usarmos o nome de tribo, pelo qual o chamávamos cotidianamente, mas para o titularmos de Andrews e modificarmos o sobrenome para Kossi, para não ser encontrado facilmente.

Ainda assim, fomos minuciosas nos detalhes sobre o trabalho, de maneira que o jovem assimilasse todos os aspectos desse tipo de exposição. A preocupação, aqui, é de cunho ético e

jurídico. Ao fim dos esclarecimentos, Andrews se mostrou totalmente favorável, entusiasmado e destemido diante da possibilidade de contar sua história e mais: de tê-la registrada em livro. A impressão é de que, para o jovem, ter em mãos um livro que o retrate é algo benéfico, principalmente por enxergar, nesse trabalho, a possibilidade de ser reconhecido em solo brasileiro e de reconhecer-se neste novo espaço.

Em uma última etapa, buscamos as fontes oficiais, citadas pelo entrevistado. Em nossa última entrevista, o encontramos morando em uma rede, na área de camping de uma pousada, pela qual ele pagava R\$ 10,00 por dia para dormir. Pouco depois, já estava em outras cidades, continuando sua caminhada sem um rumo certo. Para entendermos o lado daqueles que tiveram proximidade com ele, estabelecemos contato entre algumas empresas onde prestou serviços. O único que obtivemos sucesso foi o *hostel* em Salvador, onde ele trabalhou por um mês e recebeu um quarto para dormir. As referências declaradas por seus supervisores são positivas. Movida pela compaixão, como ela descreve, a dona do *hostel* permitiu que ele vendesse seus serviços de guia turístico às pessoas hospedadas no local, mas devido a problemas pessoais pediu para que ele saísse. Mesmo assim, ofereceu apoio para a solicitação de refúgio para que ele conseguisse o status no país. Por segurança, a dona do *hostel* pediu para não ser identificada.

## **6. HISTÓRIA ORAL: CONSTRUINDO IDENTIDADES A PARTIR DA MEMÓRIA**

Tomando o conceito de “identidade” descrito pela autora Lucília de Almeida Neves Delgado (2003) como o conjunto de características culturais, hábitos, experiências e valores – em que os seres sociais estão envolvidos dentro de um espaço e tempo –, pode-se notar que Andrews aparenta assumir identidades diversas. Isso porque as identidades referem-se, primeiramente, à vida social e ao coletivo, por se tratar de experiências anteriores que, inclusive, estão em constante transformação. Já que a inserção social é variada “para determinado indivíduo ou ainda um ator coletivo, pode haver identidades múltiplas” (CASTELLS, 1999, p. 22).

A identidade emerge aqui, portanto, atravessada por variadas lembranças e recordações dessas experiências. Tem a ver, portanto, com a memória. Para Lucília Delgado, “como processo social ativo, a memória tem como ponto de partida a vida em sociedade na qual se

inscrevem as experiências individuais” (DELGADO, 2006, p. 69). Essa teoria, aplicada ao contexto do personagem, é percebida quando ele relembra os hábitos de sua alimentação, por exemplo. Em sua tribo, era comum a alimentação matinal com raiz da mandioca. O cozimento se iniciava às 4h da manhã e se prolongava até a hora da refeição. Por ser um hábito cultural, Andrews incorporou essa tradição como uma experiência individual e internalizada.

Após a análise da primeira conversa, foi possível perceber a dificuldade do personagem de se situar na contemporaneidade. Sua própria identidade é, para ele, fluida. Constatou-se, então, que a proposta inicial, centrada na divisão desse trabalho entre três grandes blocos (principalmente na estrutura das perguntas realizadas pessoalmente) não seria mais viável – exatamente em função da incapacidade do entrevistado de dissociar sua identidade, o tempo e suas próprias perspectivas, como ser caçador em uma tribo africana e trabalhador no Brasil. Um exemplo: em um dos trechos da primeira entrevista, Andrews fala sobre o desejo de ter filhos, para ensiná-los a caçar. Em seu país de origem, essa ação vem de uma tradição familiar, atrelada à educação e à ligação afetiva entre pais e filhos. Já no Brasil essa cultura não existe em grande parte do território. Percebemos, então, a possível contradição e mistura de culturas e identidades presentes em seu discurso.

Outro ponto a ser considerado, sob esse aspecto, é que as identidades são passíveis de mudanças e podem ser reconstruídas várias vezes ao longo da vida do indivíduo – especialmente quando associadas às lembranças. Como assinala Delgado (2003), a memória passa a ser, nesse sentido, uma ferramenta para que o passado se torne presente, ainda que com alterações, confirmações e significados que reforçam a ideia de autoconhecimento, pertencimento e consciência. A memória oferece suporte para a identificação de significados culturais que reforçam a ideia de reconhecimento individual.

Ainda sob essa perspectiva, é curioso observar outra nuance em relação aos relatos de Andrews: sempre que perguntas eram relacionadas apenas à África, o jovem respondia com comparações ou expressões utilizadas no Brasil. Quando questionado sobre as relações dentro de sua própria aldeia, no Congo, ele discorria sobre elas estabelecendo diferenças com as relações que observa no Brasil. Destaca, por exemplo, a falta de lealdade entre os brasileiros. Foi possível constatar, com isso, que memória e identidade caminham em sincronia e se reconstróem, assim como afirma Bobbio (1997) apud Delgado (2003):

O lembrar é uma atividade mental que não exercitamos com frequência porque é desgastante ou embaraçosa. Mas é uma atividade salutar. Na rememoração reencontramos a nós mesmos e a nossa identidade, não obstante muitos anos transcorridos, os mil fatos vividos [...] Se o mundo se abre para a imaginação, mas

não nos pertence mais, o mundo passado é aquele no qual, recorrendo a nossas lembranças, podemos buscar refúgio a nós mesmos e nele reconstruir nossa identidade (BOBBIO, 1997, p. 30-31 apud Delgado, 2003).

Dessa forma, ao lembrar os costumes e tradições de seu povo, Andrews não contava apenas sua história de vida, mas também de toda uma população. Além disso, ele reforça sua identidade através da compreensão e internalização de significados, mesmo que agora ela seja dual e esteja em constante transformação. Uma vez que a história se constrói no campo da experiência e do vivido, paralelamente à sua narração o personagem rememora as situações vivenciadas e traça a manutenção, o ressurgimento e a atualização para que sua história não caia no esquecimento individual ou coletivo. Para Lucília de Almeida Delgado, esse quesito relaciona a história e a memória:

Considerando a evocação do passado como substrato, pode-se deduzir que, em sua relação com a história, a memória constitui-se como forma de retenção do tempo, salvando do esquecimento e da perda. Portanto, História e memória através de uma inter-relação dinâmica, são suportes de identidades culturais e coletivas, que se formam no processo diacrônico e sincrônico da vida em sociedade. (DELGADO, 2006, p. 45).

Considerando o fato de que o relato de Andrews – perpassando os meandros de um enredo e das lembranças que constituem uma identidade – encontrará lugar especial em um livro-reportagem, talvez seja necessário indagar que relação pode haver entre história, jornalismo e memória. Esse livro-reportagem quer abordar uma das histórias do Congo a partir da trama narrada por um personagem que traz em si alguns dos acontecimentos de seu país. Pelo relato de Andrews, é possível resgatar alguns elementos que traduzem a história de um determinado povo e de um determinado país.

Não por acaso as relações envolvendo o passado e o presente são tão interessantes para historiadores e jornalistas – embora eles reservem olhares absolutamente distintos para o acontecimento. Fontcuberta verifica essa diferença ao apontar que o historiador busca “uma série de fatos”, ao passo que o jornalista “espera encontrar o fato único” (FONTCUBERTA, 1999, p.15 *apud* ROCHA; XAVIER, 2013). Sob esse prisma, o livro-reportagem repousa entre dois interesses: é menos abrangente do que deseja o historiador e mais amplo do que o mero noticiário encarado diariamente pelo profissional do jornalismo. De acordo com Paula Melani Rocha e Cíntia Xavier, “não há um limite entre onde termina o jornalismo e começa a história,

especialmente quando entende-se que o livro-reportagem auxilia na construção de sentidos”. (ROCHA; XAVIER, 2013, p.146).

Os pontos comuns existem, entretanto. Tanto no jornalismo como na história, o recurso da memória pode ser utilizado como forma de obtenção de dados e método para diferentes abordagens – como no caso do livro-reportagem, tão ancorado na experiência testemunhal. Como ressalta Christa Berger, a história oral e as fontes são igualmente importantes na História e na sua função como promotora da cultura da memória.

A história (disciplina acadêmica) contribuiu com o desenvolvimento da cultura da memória. A preocupação com os pormenores cotidianos, os restos, os detalhes deixados de lado pela historiografia tradicional, a inclusão da perspectiva dos indivíduos sem importância, a presença da história oral, das fontes testemunhais (BERGER, 2008, p.25 apud ROCHA; XAVIER, 2013).

Durante a produção desse trabalho, foram muitas as dúvidas em relação às memórias de Andrews. Após as primeiras entrevistas por telefone, por exemplo, surgiram, no processo de transcrição, indagações básicas: qual foi o percurso realizado? Onde se localizavam as pessoas que o haviam ajudado? Como ele se deslocava de um local para o outro e em quais datas?

Para tentar esclarecer alguns detalhes do relato, decidiu-se entrevistar, também, outras pessoas que conviveram com o jovem. Buscou-se, assim, não só maior clareza e transparência para o relato, mas, também, maior compreensão da história narrada. Além disso, a importância de checar informações com outras fontes é ressaltada por vários autores, como Lucilia Delgado, para quem o número de entrevistados “deve ser tal que acumule uma quantidade de material que permita comparações, a fim de se destacarem conteúdos divergentes e convergentes. Pode também contribuir para construção de evidências. (DELGADO, 2003, p. 25).

Cremilda Medina (1986) também reforça a importância da seleção das fontes de informação. Para ela, o relato se enriquece através da pluralidade de vozes e, ao mesmo tempo, da qualificação humanizadora dos entrevistados descobertos. Foi exatamente em função desse aspecto que as pesquisadoras decidiram recorrer, a certa altura, à professora Ana Mônica Lopes, da Universidade Federal de Ouro Preto. Ana é especializada em História da África e, além de trabalhar nessa área, também vivenciou experiências particulares no continente – já que veio como refugiada da Angola para o Brasil, na década de 70. As informações repassadas pela professora contribuíram decisivamente para este trabalho, acrescentando novas perspectivas a partir de um olhar mais sagaz e atento. Uma das recomendações foi a de buscar entender não

só o que Andrews dizia, mas também seus momentos de ausência. Esse é um ponto forte do livro, pois, em meio ao relato, o jovem opta pelo silêncio em algumas situações. Fomos aconselhadas a captar esses momentos para tentarmos entender que eles poderiam ser demonstrações do que ele não queria mostrar em sua história.

Além de Ana Mônica Lopes, recorreu-se também a Luíz Albuquerque, professor de Direito Internacional da Universidade Federal de Ouro Preto. Desta vez, a dúvida era a necessidade ou não de um documento que comprovasse o tipo de relação estabelecida com o entrevistado, isto é, uma situação de pesquisa e nada mais. O temor era o de que essa relação pudesse representar algum ato de cumplicidade com o entrevistado, que se encontra em situação irregular no país. Na concepção de Luíz, o jornalismo é baseado no conflito e, por isso, pensar na cumplicidade entre personagens e jornalistas que reportam a situação de vida desses personagens é um equívoco. Do contrário, não seriam poucos os jornalistas cúmplices de crimes que ferem a Constituição. O professor deu exemplos de profissionais autores de livros que retratam, por exemplo, o cotidiano do tráfico de drogas nas grandes cidades.

## **7. RESTITUIÇÃO: A REPRESENTAÇÃO DO OUTRO**

Nesse trabalho, o elemento da restituição foi valorizado desde o processo de produção. De acordo com Alessandro Portelli (1996), cabe ao entrevistador restituir, de alguma forma, a colaboração de seu entrevistado com a pesquisa realizada. Durante o desenvolvimento de todo o trabalho, Andrews participou das decisões sobre o livro além de seus relatos, como ideia para as fotos e cores utilizadas. Por algumas vezes, durante o processo de escrita, foi difícil estabelecer contato pela distância geográfica e falta de contato ativo. Ficou acordado em nossa última entrevista realizada pessoalmente que Andrews receberá também um exemplar do livro-reportagem.

Essa preocupação vem da percepção de que, paradoxalmente, o profissional do jornalismo nem sempre está atento à restituição do outro – das fontes que lhe municiam de informações, de dados, de histórias. Há sempre o risco iminente da não representação, principalmente em casos como o de Andrews (que evidencia fortes diferenças de cunho social, econômico e cultural). Para evitarmos que o jovem não se sentisse representado, recorremos a Antropologia, área que se dedica ao estudo do homem. Através desta escolha, procuramos representa-lo de maneira mais efetiva. Para isso, DaMatta apud Claudia Lago contribuiu ao

discorrer sobre técnicas para assegurar a apreensão e internalização de conceitos culturais do entrevistado. “Afinal, tudo é fundado em alteridade na Antropologia: pois só existe antropólogo quando há um nativo transformado em informante. E só há dados quando há um processo de empatia correndo de lado a lado”. (DaMATTA *apud* LAGO, 2014, p.34).

Fato é que, quando não se compreende a totalidade dos sentidos que o entrevistado transmite, é possível que ele se sinta lesado por não ser representado como se mostrou. O *fazer antropológico* está no contato com outras sociedades, com o “nativo”, com o Outro e em sua alteridade. No caso do jornalismo, a ação do pesquisador, nessa forma de interação, afeta também princípios básicos relacionados aos princípios da profissão, como o interesse público, a responsabilidade social, a veracidade e a credibilidade.

Outro ponto que esteve presente durante todo o processo de produção do livro reportagem e que Portelli (1997) aborda é a confiança na história oral. No início do projeto, uma das maiores preocupações era encontrar formas de nos assegurar que a história contada pelo personagem era verdadeira. Buscamos maneiras de comprovar o que era dito por Andrews e, por vezes, cruzamos as informações concedidas e tentávamos fazer a apuração com documentos que não tínhamos acesso e sobre coisas que não são documentadas ou podiam ser cedidas a nós. Ao final do livro-reportagem, percebemos que essa não deveria ser uma preocupação, mas o indicativo de como abordaríamos um tema relevante, seja ele passível de comprovação ou não. Independente do caráter que coloca a história como “verdadeira” ou “falsa”, tudo que Andrews dizia importava e deveria ser levado em consideração, bem como diz Portelli (1997), “as fontes orais são aceitáveis, mas com uma credibilidade diferente”.

A importância do testemunho oral pode se situar não em uma aderência ao fato, mas de preferência em seu afastamento dele, como imaginação, simbolismo e desejo de emergir. Por isso, não há “falsas” fontes orais. Uma vez que tenhamos chegado a credibilidade factual, que são requeridos por todos os tipos de fontes em qualquer circunstância, a diversidade da história oral consiste no fato de afirmativas “erradas” são ainda psicologicamente “corretas”, e que esta verdade pode ser igualmente tão importante quanto registros factuais confiáveis. (Portelli, 1997, p.32)

O próximo passo desse projeto experimental era pensar o projeto gráfico, de maneira a dar ao livro uma visualidade capaz de se articular plenamente à narrativa proposta.

## 8. PROJETO GRÁFICO

Com as histórias construídas a partir da rememoração de um homem tribal e ex-escravo de guerra do Congo, esse livro-reportagem se destina a todos aqueles que apreciam a narrativa do outro e que desejam compartilhar experiências – em especial, àqueles que se interessam sobre os conflitos étnicos e choques culturais. Foi a partir desse pensamento que se passou a desenhar o projeto gráfico.

Optou-se, por uma obra em papel sulfite com gramatura de 90g e a capa em supremo 250 g. O formato se dá no tamanho A5 (14,8x21cm), com espaçamento 1,5cm. No processo de acabamento, optou-se pelo formato brochura. Na tipografia, utilizou-se a fonte Baskerville no tamanho 14 regular para o texto corrido. Nos títulos, o padrão foi da utilização da mesma fonte, mas em negrito e tamanho 16. Para os intertítulos, atribuiu-se a mesma fonte, em tamanho 14, mas em itálico para destaque.

Utilizamos elementos básicos para a estrutura do livro como a capa, lombada, falso título, página de rosto contendo nome dos autores e obra, apresentação, sumário, o miolo e a contra capa. Para cada capítulo, produziram-se mapas de localização do personagem. Na abertura dos capítulos, o percurso do personagem é descrito por meio de um mapa que mostra a localização aproximada de Andrews naquele momento da história. Tal proposta se aplica também, por exemplo, ao capítulo denominado “Conflitos”, em que se descreve, no mapa, os lugares onde o personagem esteve – como Serra Leoa e Gabão. O terceiro e último mapa é o do Brasil, local onde Andrews procura refazer sua vida.

A divisão do livro ocorre em três grandes capítulos com número de intertítulos variáveis. Estimou-se, para cada um, elementos gráficos ou fotográficos que os complementam. Assim, totalizaram-se 90 páginas. A divisão de capítulos e páginas com elementos gráficos serão coloridas, dividindo espaço com as demais, em preto e branco. Os intertítulos ficam alinhados à esquerda da margem. Acima do intertítulo consta uma citação de Andrews, com uma frase enfática relacionada ao texto. Nesse caso, a opção foi pelo estabelecimento de uma hierarquia dos dois elementos, utilizando o itálico para a frase e o negrito para os intertítulos.

O primeiro capítulo traz a identidade cultural de Andrews, os costumes, a rotina, as relações estabelecidas, os rituais e tradições culturais da aldeia. O segundo capítulo descreve os conflitos e crises vivenciadas pelo personagem. No terceiro, aborda-se o recomeço e a chegada ao Brasil, os caminhos percorridos pelo personagem, as funções desempenhadas para sobreviver, a busca pela legalização e a adaptação do jovem ao país.

## 9. ANÁLISE DOS RESULTADOS

O produto final deste trabalho demonstrou que o gênero livro-reportagem permite uma abordagem mais contextualizada de uma história e uma realidade. Notícias que factualmente estão nos meios de comunicação, de uma forma superficial, tomam forma neste livro. Escravidão, exploração de recursos, exploração sexual, cultura, diferenças culturais, pré-conceitos e situações extremas estão presentes na história que parte dos relatos de Andrews.

O livro revela histórias desde o cotidiano de uma tribo, no Congo, África, a descrição de como a rotina foi alterada pela guerra e os conflitos, até os desafios ao se tornar refugiado em outro país. O que sustentou o trabalho foi a ideia de aproximar os conflitos que obrigam alguém a deixar seu lar em busca de condições para viver. Mas, para abordar este tema, escolhemos levantar as temáticas importantes, a partir dos relatos de um personagem que diz ter passado por isso.

Desde o momento do contato com o Andrews até a produção do texto final, a abordagem foi previamente pensada para retratar os três principais momentos: quem ele era, como os conflitos o afetaram e como ele reconstrói sua vida no Brasil. Tivemos como objetivo utilizar Andrews como um eixo para mostrar tantos outros que passam por situações similares ou mais difíceis. Buscamos permitir que a história apoiada nas vivências do sujeito se tornasse uma narrativa atualizada, passível de transmissão, conhecimento, interpretações e documentação. Dessa forma, criou-se um processo de “imortalidade” do que foi contado e escrito.

Foram vários os desafios ao longo do caminho. As dificuldades começaram no questionamento de como apurar informações que não tínhamos acesso. Como saber se o que ele contava era verdade? Onde encontrar a localização de uma tribo na África? Como apurar se seu pedido foi negado, já que são informações confidenciais? Como aproximar uma realidade distante do público. Conforme foi dito anteriormente neste memorial, demoramos a entender que a verdade factual não era tão importante quanto percebermos que nosso personagem era um grande narrador de suas e outras histórias, tornando-o único e simultaneamente, plural.

Cada abordagem foi um grande aprendizado sobre como retratá-lo para o leitor. As

histórias planejadas foram se alterando a partir das entrevistas. Algumas foram excluídas e outras acrescentadas. Por fim, as reflexões neste processo demonstraram ainda a importância da apuração, de enfatizar os silêncios – porque muitas vezes não há respostas –, de narrar o outro com sensibilidade e dos temas em torno do conflito, que nunca serão esgotados. Apesar de ser um livro-reportagem e abordar o refúgio de forma mais extensa, há várias angulações e maneiras de falar sobre o assunto, o que nos desafia a continuar escrevendo e buscando novas narrativas e abordagens.

## 10. REFERÊNCIAS

AGÊNCIA DA ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA REFUGIADOS. **Relatório do ACNUR mostra aumento do deslocamento forçado no primeiro semestre de 2014**. 2015. Disponível em: <<http://www.acnur.org/t3/portugues/noticias/noticia/relatorio-do-acnur-mostra-aumento-do-deslocamento-forcado-no-primeiro-semester-de-2014/>>. Acesso em: 20 abr. 2015.

AGÊNCIA DA ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA REFUGIADOS. **Cartilha para Solicitantes de refúgio no Brasil. 2015**. Disponível em: <<http://www.refworld.org/pdfid/54eaeabc4.pdf>>. Acesso em: 23 jun. 2015.

BARRETO, Lima. **O Refúgio e o Conare**. Refúgio, Migrações e Cidadania, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 33-51, 2006.

CÁRITAS (São Paulo). **Quem Somos e Histórico**. Disponível em: <<http://caritas.org.br/quem-somos-e-historico>>. Acesso em: 23 jun. 2015.

CASTELLANO DA SILVA, Igor. **Congo, a guerra mundial africana: conflitos armados, construção do estado e alternativas para a paz**. Porto Alegre : Leitura XXI /Cebrafrica / UFRGS, 2012.

CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY. **The World Factbook: Africa: Congo, Republic Of The**. Disponível em: <<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/cf.html>>. Acesso em: 21 abr. 2015.

CESAR, Antonio Augusto Martins (Org.). **Dez anos do processo de Kimberley: elementos, experiências adquiridas e perspectivas para fundamentar a atuação diplomática brasileira. 2011**. Disponível em: <[http://funag.gov.br/loja/download/858-Dez\\_anos\\_do\\_Processo\\_de\\_Kimberley.pdf](http://funag.gov.br/loja/download/858-Dez_anos_do_Processo_de_Kimberley.pdf)>. Acesso em: 23 jun. 2015.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. História Oral, n. 6, p. 9-25, 2003.

EIS, Thiago; MANTOVANI, Flávia. **Brasil concede nº recorde de refúgios em 2014; sírios já são o maior grupo**. 2015. G1. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/01/brasil-concede-n-recorde-de-refugios-em-2014-sirios-ja-sao-o-maior-grupo.html>>. Acesso em: 23 jun. 2015

ESTADÃO. **Histórico dos conflitos armados no Congo**. 2008. Disponível em: <<http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,historico-dos-conflitos-armados-no-congo,268867>>. Acesso em: 20 jun. 2015.

FOLHA ONLINE (São Paulo). **Milhares fogem diante do avanço das forças rebeldes no Congo**. 2015. Disponível em: <<http://m.folha.uol.com.br/mundo/2008/10/461609-milhares-fogem-diante-do-avanco-das-forcas-rebeldes-no-congo.shtml?mobile>>. Acesso em: 10 nov. 2015.

FRANCO, Marina. **Pedido de refúgio no país aumentou 2.131% em 5 anos, diz ministério**.

2015. G1. Disponível em: <[http://www.teinteresa.es/mundo/Afganistan-Congo-Pakistan-enclaves-injusticias\\_0\\_1223878148.html](http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/06/brasil-<br><a href=)>. Acesso em: 21 abr. 2015.

G1 (São Paulo). **Ataque em sede do jornal Charlie Hebdo em Paris deixa mortos.** 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/01/tiroteio-deixa-vitimas-em-paris.html>>. Acesso em: 02 jun. 2015.

LAGO, Claudia. **Ensinamentos Antropológicos: a possibilidade de apreensão do “Outro” no Jornalismo.** Brazilian Journalism Research, v. II, n. 2, 2014.

LAGE, Nilson. **A Reportagem – Teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística.** Rio de Janeiro: Record, 2003.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura.** 2.ed. São Paulo: Manole, 2004.

MARROCO, Beatriz. **Entrevista jornalística confissão e as neoconfissões na mídia brasileira.** Rumores, São Paulo, ed. 10, ano 5, p. 105-119, jul.\dez. 2011. Disponível em: <[http://www3.usp.br/rumores/artigos.asp?cod\\_atual=306](http://www3.usp.br/rumores/artigos.asp?cod_atual=306)>. Acesso em 12 set. 2014

MAZOTTE, Natália. **Um guia para aprimorar a arte da entrevista.** Observatório da Imprensa, 16/07/2013, ed. nº 755. Disponível em: <[http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/\\_ed755\\_um\\_gui\\_a\\_aprimorar\\_a\\_arte\\_da\\_entrevista](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed755_um_gui_a_aprimorar_a_arte_da_entrevista)> . Acesso em 8 set. 2014.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista - o Diálogo Possível.** São Paulo: Ática, 1986.

MORAIS, Gabriela Weber de. **Livro-reportagem: amalhando experiências para contar uma história.** Florianópolis: [S.n.], 2004.

MULANGA, Kabengele. **A REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO – RDC.** 2011. Disponível em: <<http://www.casadasafricas.org.br/wp/wp-content/uploads/2011/09/A-Republica-Democratica-do-Congo.pdf>>. Acesso em: 04 nov. 2015.

NEVES, Lucília de Almeida. Memória, História e Sujeito: Substratos da Identidade. In: Revista História Oral, Vol. 3, 2000, p. 109 -116.

ORTIZ, Fabíola. **Da África para o Brasil sem saber e no porão de um navio.** 2013. Disponível em: <<http://www.ipsnoticias.net/portuguese/2013/09/ultimas-noticias/da-tanzania-ao-brasil-sem-saber-e-no-porao-de-um-navio/>>. Acesso em: 05 maio 2015.

PESSA, Bruno Ravanelli. **Livro-reportagem: origens, conceitos e aplicações.** Regiocom, Universidade Metodista de São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/170465278/Livro-reportagem-Origens-Conceitos-e>>. Acesso em 12 set. 2014.

PORTELLI, Alessandro. **A Filosofia e os Fatos. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais.** Revista do Departamento de História da UFF. Rio de Janeiro:UFF, v.1, n.2, 1996, p.59-72.

PORTELLI, Alessandro. **O que faz a história oral diferente**. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduação em História, n.o 14, São Paulo, 1997.

SHEARLAW, Maeve. **Why did the world ignore Boko Haram's Baga attacks?** 2015. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/world/2015/jan/12/-sp-boko-haram-attacks-nigeria-baga-ignored-media>>. Acesso em: 02 jul. 2015.

VARGEM, Alex André. **O estado brasileiro frente às solicitações de refúgio: o caso dos africanos (1998-2006)**. 2011. Instituto do Desenvolvimento da Diáspora Africana no Brasil - IDDAB. Disponível em:

<[http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1308364774\\_ARQUIVO\\_XI\\_Conlab\\_GT\\_55\\_Alex.pdf](http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1308364774_ARQUIVO_XI_Conlab_GT_55_Alex.pdf)>. Acesso em: 26 jun. 2015.

XAVIER, Cintia; ROCHA, Paula M. **O livro-reportagem e suas especificidades no campo jornalístico**. Rumores, São Paulo, v. 7, n. 14, p.138-147, jul.\dez. 2013. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/69434>> Acesso em 12 set. 2014.